

O Livro dos Espíritos



Allan Kardec

LIVRO III – As Leis Morais
CAPÍTULO XI – Lei de Justiça, Amor e Caridade

Índice

Assunto	Origem	Página
I – Justiça e Direito Natural	O Livro dos Espíritos	03
Justiça Divina: alívio para as dores estímulo para o acerto.	O Consolador	05
Reconhece-se o bom pelas suas obras	O Consolador	08
II – Direito de Propriedade Roubo	O Livro dos Espíritos	10
Ética, uma palavra fora de moda	O Consolador	11
III – Caridade e Amor ao Próximo	O Livro dos Espíritos	13
Caridade – expressão de amor ao próximo	O Consolador	15
IV – Amor Material e Filial	O Livro dos Espíritos	16
Amor materno e Amor filial	O Consolador	17
Kardec e os maus tratos aos idosos	O Consolador	19
Gratidão, por quê?	O Consolador	21

Livro terceiro – As leis morais

Capítulo XI – Lei de justiça, Amor e Caridade

I – Justiça e direito natural

873. O sentimento da justiça está em a natureza, ou é resultado de idéias adquiridas?

“Está de tal modo em a natureza, que vos revoltais à simples idéia de uma injustiça. É fora de dúvida que o progresso moral desenvolve esse sentimento, mas não o dá.

Deus o pôs no coração do homem. Daí vem que, frequentemente, em homens simples e incultos se vos deparam noções mais exatas da justiça do que nos que possuem grande cabedal de saber.”

874. Sendo a justiça uma lei da Natureza, como se explica que os homens a entendam de modos tão diferentes, considerando uns, justo o que a outros parece injusto?

“É porque a esse sentimento se misturam paixões que o alteram, como sucede à maior parte dos outros sentimentos naturais, fazendo que os homens vejam as coisas por um prisma falso.”

875. Como se pode definir a justiça?

“A justiça consiste em cada um respeitar os direitos dos demais.”

a) — Que é o que determina esses direitos?

“Duas coisas: a lei humana e a lei natural. Tendo os homens formulado leis apropriadas a seus costumes e caracteres, elas estabeleceram direitos mutáveis com o progresso das luzes. Vede se hoje as vossas leis, aliás imperfeitas, consagram os mesmos direitos que as da Idade Média.

Entretanto, esses direitos antiquados, que agora se vos afiguram monstruosos, pareciam justos e naturais naquela época. Nem sempre, pois, é acorde com a justiça o direito que os homens prescrevem. Demais, este direito regula apenas algumas relações sociais, quando é certo que, na vida particular, há uma imensidade de atos unicamente da alçada do tribunal da consciência.”

876. Posto de parte o direito que a lei humana consagra, qual a base da justiça, segundo a lei natural?

“Disse o Cristo: Queira cada um para os outros o que quereria para si mesmo. No coração do homem imprimiu Deus a regra da verdadeira justiça, fazendo que cada um deseje ver respeitados os seus direitos. Na incerteza de como deva proceder com o seu semelhante, em dada circunstância, trate o homem de saber como quereria que com ele procedessem, em circunstância idêntica. Guia mais seguro do que a própria consciência não lhe podia Deus haver dado.”

Efetivamente, o critério da verdadeira justiça está em querer cada um para os outros o que para si mesmo quereria e não em querer para si o que quereria para os outros, o que absolutamente não é a mesma coisa. Não sendo natural que haja quem deseje o mal para si, desde que cada um tome por modelo o seu desejo pessoal, é evidente que nunca ninguém desejará para o seu semelhante senão o bem. Em todos os tempos e sob o império de todas as crenças, sempre o homem se esforçou para que prevalecesse o seu direito pessoal. A sublimidade da religião cristã está em que ela tomou o direito pessoal por base do direito do próximo.

877. Da necessidade que o homem tem de viver em sociedade, nascem-lhe obrigações especiais?

“Certo e a primeira de todas é a de respeitar os direitos de seus semelhantes. Aquele que respeitar esses direitos procederá sempre com justiça. Em o vosso mundo, porque a maioria dos homens não pratica a lei de justiça, cada um usa de represálias. Essa a causa da perturbação e da confusão em que vivem as sociedades humanas. A vida social outorga, direitos e impõe deveres recíprocos.”

878. Podendo o homem enganar-se quanto à extensão do seu direito, que é o que lhe fará conhecer o limite desse direito?

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo XI)

“O limite do direito que, com relação a si mesmo, reconhecer ao seu semelhante, em idênticas circunstâncias e reciprocamente.”

a) — Mas, se cada um atribuir a si mesmo, direitos iguais aos de seu semelhante, que virá a ser da subordinação aos superiores? Não será isso a anarquia de todos os poderes?

“Os direitos naturais são os mesmos para todos os homens, desde os de condição mais humilde até os de posição mais elevada. Deus não fez uns de limo mais puro do que o de que se serviu para fazer os outros, e todos, aos seus olhos, são iguais. Esses direitos são eternos. Os que o homem estabeleceu perecem com as suas instituições. Demais, cada um sente bem a sua força ou a sua fraqueza e saberá sempre ter uma certa deferência para com os que o mereçam por suas virtudes e sabedoria. É importante acentuar isto, para que os que se julgam superiores conheçam seus deveres, a fim de merecer essas deferências. A subordinação não se achará comprometida, quando a autoridade for deferida à sabedoria.”

879. Qual seria o caráter do homem que praticasse a justiça em toda a sua pureza?

“O do verdadeiro justo, a exemplo de Jesus, porquanto praticaria também o amor do próximo e a caridade, sem os quais não há verdadeira justiça.”

Crônica e Artigos

67 – 03/08/2008

O Consolador – (Arísio Antônio Fonseca Júnior)

Justiça Divina: alívio para as dores, estímulo para o acerto

I. Justiça e direito natural

“Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então dará a cada um segundo as suas obras”.

Evangelho de Mateus, 16.27.

“E eis que cedo venho, e o meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra”.

Apocalipse 22.12.

Muitas pessoas rebelam-se em face das dores que as assaltam quotidianamente. Chegam, algumas vezes, a proferir autênticas blasfêmias, acusando Deus de ser injusto e mau Pai, por “deixar que sofram tanto”.

Sem embargo do erro de perspectiva em que se encontram os indivíduos que assim se comportam, não se deve julgá-los. Deveras o sofrimento de muitos é sincero, as dores são latejantes, o que os leva algumas vezes a atitudes infelizes, com consequentes futuros infelizes. Os conhecedores da Doutrina Espírita têm, neste ponto, vantagem de panorama sobre os demais, pois sabem da Justiça Divina, em sua forma mais sublime que se possa expressar.

Os Iluminados Espíritos afirmaram a Allan Kardec ser Deus “soberanamente justo e bom”. Significa dizer que o Pai e Criador é suprema e absolutamente, sem restrições e sem neutralização de qualquer gênero, justo e bom. “Para estar acima de todas as coisas, Deus tem que se achar isento de qualquer vicissitude e de qualquer das imperfeições que a imaginação possa conceber.” **(1)** Assim, os atributos de justiça e bondade, nos aspectos divinos da criação, além de serem em seu infinito grau de perfeição, andam sempre juntos. Não é possível conceber Deus apenas justo, nem somente bom. Ou se terá um ser (em minúscula, pois não será Deus) aplicador de sanções retributivas do mal pelo mal, ou será um ente demasiado permissivo, protetor de erros e acertos igualmente, sem mérito para os que acertam e sem responsabilidade para os que erram.

Dado que devem ser, necessariamente, conexas as qualidades de justiça e bondade de Deus, algo existe que seja efeito dessa união. Equívocos e concertos devem produzir resultados diversos nos caminhos do Espírito. E assim se dá, embora a destinação de todos seja a mesma, ao final.

Cabe, inicialmente, a exemplo da parábola dos lavradores maus, contada por Jesus, dizer que a “sebe” já existe. A cerca para nossas ações foi posta por Deus desde os tempos que ainda não nos é dado conhecer: Suas leis benditas foram, são e serão as mesmas, e é nisso em que consiste o “milagre”, conforme Kardec deixa explícito em A Gênese. A Lei Natural ou Divina (O Livro dos Espíritos, Parte Terceira), gravada na consciência de cada Espírito, é a diretriz do Direito Divino para o comportamento que leva à perfeição relativa. Andar ou não de acordo com as Leis de Deus, algumas delas catalogadas na Parte Terceira de O Livro dos Espíritos **(2)**, é o que provoca as dores ou os gozos atuais e futuros do ser.

Têm-se, então, duas das palavras-chaves no estudo da Justiça Divina: Lei e livre-arbítrio. A primeira, como manifestação da perfeição de Deus, cuja origem é o amor, de onde tudo vem e para onde tudo se encaminha. As Leis Divinas conformam irrepreensivelmente todas as relações entre os elementos do Universo. Harmonizar-se ou desconcertar-se delas é o que determina a evolução do Espírito ou a repetição das experiências. Aí se encontra a segunda, livre-arbítrio, pelo que todo indivíduo, a partir de seus conhecimentos vivenciais, pode escolher as atitudes que desejar, sabedor de que cada opção provoca uma consequência e requer a responsabilidade que dela advém **(3)**.

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo XI)

Feita a escolha entre a “porta estreita”, que é a concordância com a Lei, e a “porta larga”, desviante do caminho da evolução, cabe ao Espírito receber a consequência de seus atos. Emanada, assim, a terceira palavra-chave, que, embora sendo também Lei, é destacada pela relevância no assunto em estudo: Lei de causa e efeito. Neste ponto, se Deus fosse apenas justo, condenaria aqueles que preferiram a segunda porta e exaltaria os outros, optantes pela porta da liberdade e salvação. Entretanto, como visto, o Pai não é somente justo, senão justo e bom. Aí está o alívio para as dores e para os sofrimentos; e, também, a quarta e última palavra-chave da Justiça Divina adotada para o estudo: reencarnação (4).

Reencarnação como oportunidade! Oportunidade de refazer o caminho; ensejo para adequar os passos à estrada que conduz a Deus. A reencarnação é a demonstração mais clara dos atributos de Deus aqui tratados: Justiça e Bondade. Somente através das novas oportunidades de acerto para os que erram e da evolução para aqueles que bem se conduzem é que se pode afirmar ser infinita, soberana e perfeita a Justiça Divina. Se antes o comportamento não era consentâneo às prescrições divinas, hoje – o momento ideal – existe a nova ocasião de se conduzir de acordo com a Lei. Porventura já andava em conformidade com a Lei, hoje é nova oportunidade para permanecer nela e engrandecer o conhecimento e a emoção.

As dores e os sofrimentos, inicialmente mencionados, podem existir, e existem, pois que consequências do nosso mau proceder no passado. Esqueça! O passado não é mais do que um quadro para dele retirar experiência a fim de atingir o crescimento. Importa, agora, agir no bem sem cessar, “tendo antes de tudo ardente amor uns para com os outros, porque o amor cobre uma multidão de pecados” (5). Assim, passando pelas dores atuais, sendo “bem-aventurados aflitos” (6), e praticando o amor como Jesus nos ensinou e nos incitou, amando-nos uns aos outros como Ele nos amou, teremos a felicidade daqueles que escolhem a porta estreita: evolução, proximidade dos planos celestes da criação.

Jamais foi pretensão esgotar um assunto tão belo e tão consolador. São linhas de alguma meditação e muita emoção, ao pensar em como Deus, Pai excelso e amantíssimo, trata igualmente Seus filhos, oportunizando a todos a vida plena de felicidade, aos que acertam e aos que erram. Por isso acerta Allan Kardec ao afirmar que “se, entretanto, não tivermos em vista apenas a vida atual e, ao contrário, considerarmos o conjunto das existências, veremos que tudo se equilibra com justiça” (7).

Referências:

(1) **Kardec Allan**, de O Livro dos Espíritos, (Questão 13.)

(2) **Kardec Allan**, São as Leis Morais arroladas na Parte Terceira de O Livro dos Espíritos: Lei de Adoração, Lei do Trabalho, Lei de Reprodução, Lei de Conservação, Lei de Destruição, Lei de Sociedade, Lei do Progresso, Lei de Igualdade, Lei de Liberdade e Lei de Justiça, Amor e Caridade.

(3) **Kardec Allan**, Proveitosa para o entendimento da Justiça Divina a leitura da questão 964, de O Livro dos Espíritos, tanto a resposta dos Espíritos, quanto o comentário pertinente feito por Allan Kardec à pergunta e à resposta.

(4) **Kardec Allan**, Interessantes os esclarecimentos do Espírito S. Luís a esse respeito, no item 25, do capítulo IV, “Ninguém poderá ver o reino de Deus se não nascer de novo”, de O Evangelho segundo o Espiritismo.

(5) 1ª Carta de Pedro 4.8.

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo XI)

(6) **Kardec** Allan, “Bem-aventurados os aflitos pode então traduzir-se assim: Bem-aventurados os que têm ocasião de provar sua fé, sua firmeza, sua perseverança e sua submissão à vontade de Deus, porque terão centuplicada a alegria que lhes falta na Terra, porque depois do labor virá o repouso. – Lacordaire. O Evangelho segundo o Espiritismo, capítulo V, item 18.

(7) **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, capítulo XVI – “Não se pode servir a Deus e a Mamom”, item 8.

Reconhece-se o bom pelas suas obras

No capítulo XVII de **O Evangelho segundo o Espiritismo**, encontramos uma frase de Kardec muito citada nas palestras espíritas: “Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para dominar suas inclinações más”.

Nesse mesmo capítulo, Kardec cita os versículos 44, 46 e 48 do cap. 5º do Evangelho de Mateus, com a recomendação de Jesus para amarmos os nossos inimigos, fazer o bem aos que nos odeiam e orar pelos que nos perseguem e caluniam. Pois se amarmos os que nos amam e se saudarmos apenas os nossos irmãos, estaremos, fazendo apenas o que os publicanos e pagãos já faziam. E termina Jesus: Sede perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito (entenda-se aqui a perfeição relativa, ou da caridade ampla, que abrange todas as virtudes – AMOR).

Stephen Covey propõe-nos o princípio 90/10. Segundo ele, 10% de nossa vida relaciona-se com o que se passa conosco e 90% com o modo de reagirmos ao que se passa conosco. Ou seja, não podemos evitar 10% do que ocorre em nossa vida: o carro pode enguiçar de repente, o avião pode atrasar, o sinal pode fechar. Outros 90% se relacionam com nossa reação a esses 10%. Exemplo: Ao tomar café da manhã com sua família, sua filha derrama café em sua camisa branca de trabalho. Você não tem controle sobre isso, mas sua ação em seguida pode determinar uma reação em cadeia.

Primeira hipótese: Você briga com sua filha e ela chora. Você critica sua esposa por ter colocado a xícara muito na beirada da mesa e começa uma discussão. Você fica estressado e troca a camisa. Sua filha continua chorando e perde o ônibus escolar. Sua esposa vai para o trabalho chateada. Você tem que levar sua filha de carro para a escola. Como está atrasado, dirige em alta velocidade e é multado. Discute com o guarda e perde mais 15 minutos. Quando chega à escola, sua filha entra e não se despede de você. Ao chegar atrasado ao escritório, percebe que esqueceu sua pasta. Ansioso para o dia acabar, quando chega a casa, sua esposa e filha estão aborrecidas com você. Tudo isso por causa de sua reação pelo café da manhã derramado em sua camisa.

Segunda hipótese: o café cai na sua camisa e você diz, gentilmente, a sua filha: — Não fique triste, acidentes acontecem. Troca de camisa, dá um beijo em sua esposa e na filha e, antes de sair de carro para seu escritório, vê a filha, ao longe, pegando o ônibus e lhe acenando adeus com uma das mãos.

A situação foi a mesma, mas sua reação pode determinar se seu dia será bom ou ruim.

Segundo Kardec, o homem de bem:

- cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade em sua maior pureza (consulta sua consciência para saber se violou essa lei, se fez todo o bem);
- Tem fé na bondade, justiça e sabedoria Divinas e se submete à Sua Vontade;
- Tem fé no futuro (bens espirituais acima dos temporais);
- Aceita as dificuldades da vida como provas ou expiações;
- Faz o bem pelo bem, retribui o mal com o bem e sacrifica seus interesses à justiça;
- Pensa primeiro nos outros antes de pensar em si mesmo e faz o bem com satisfação (o egoísta calcula as vantagens e prejuízos de sua ação);
- Vê todas as pessoas como irmãs;
- Respeita as crenças alheias;
- Não alimenta ódio nem desejo de vingança;
- Perdoa e esquece as ofensas;

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo XI)

- É tolerante com as fraquezas alheias, pois sabe que precisa de tolerância para com as suas;
- Não comenta os defeitos alheios, mas, se obrigado a isso, procura ver o lado bom das pessoas;
- Estuda as próprias imperfeições e trabalha incessantemente para corrigi-las;
- É modesto com as próprias qualidades e procura destacar a dos outros;
- Usa os bens que possui sem vaidade e com consciência;
- Tata com respeito seus superiores e com bondade e simplicidade seus subordinados;
- Respeita todos os direitos naturais do próximo como deseja que sejam respeitados os seus.

Conclui Kardec que não ficam assim enumeradas todas as qualidades do homem de bem, mas quem se esforçar em praticar essas se encontra no caminho que conduz a todas as demais qualidades.

Em seguida, tratando sobre os bons espíritos, informa que, bem compreendido e bem sentido, o Espiritismo eleva-nos à condição de homem de bem. “O Espiritismo não institui nenhuma nova moral; apenas facilita aos homens a inteligência e a prática da do Cristo, facultando fé inabalável e esclarecida aos que duvidam e vacilam”.

Infelizmente, muita gente acha que a moral espírita ou cristã se aplica às outras pessoas e não a si próprias. A Doutrina Espírita é muito clara, não necessita de uma inteligência fora do comum para praticá-la. Prova disso é que muitas pessoas sem instrução compreendem perfeitamente o Espiritismo, enquanto que outras, mesmo possuindo muito estudo, não o aceitam. Para aceitá-lo é preciso, antes de tudo, de elevação espiritual. O mesmo ocorreu com os apóstolos de Jesus e os cristãos. Quanto mais espiritualizada, mais facilmente a pessoa compreende as mensagens da vida espiritual. É preciso, pois, domínio sobre a matéria.

Daí a conclusão de Allan Kardec, citada na introdução: “Reconhece-se o verdadeiro espírita.”. Quando percebermos e pusermos em prática os amáveis conselhos do Mestre Divino, certamente reconheceremos as vantagens de viver em harmonia com o nosso próximo.

Em **O Livro dos Espíritos**, temos algumas informações fundamentais para uma vida melhor. Uma delas é a de que a fonte de nossos sofrimentos se baseia em dois sentimentos: egoísmo e orgulho.

A outra é a de que uma só coisa é necessária para vivermos bem: devotamento ao próximo, ou seja, vivenciar o amor na sua mais alta expressão.

Assim, pelo devotamento e abnegação, dizem os bons Espíritos, estaremos pondo em prática a mais excelsa das virtudes: a Caridade. Quando entendermos isso, estaremos no caminho que nos tornará homens de bem.

II – Direito de propriedade. Roubo

880. Qual o primeiro de todos os direitos naturais do homem?

“O de viver. Por isso é que ninguém tem o de atentar contra a vida de seu semelhante, nem de fazer o que quer que possa comprometer-lhe a existência corporal.”

881. O direito de viver dá ao homem o de acumular bens que lhe permitam repousar quando não mais possa trabalhar?

“Dá, mas ele deve fazê-lo em família, como a abelha, por meio de um trabalho honesto, e não como egoísta. Há mesmo animais que lhe dão o exemplo de previdência.”

882. Tem o homem o direito de defender os bens que haja conseguido juntar pelo seu trabalho?

“Não disse Deus: ‘Não roubarás?’ E Jesus não disse:

‘Dai a César o que é de César?’

O que, por meio do trabalho honesto, o homem junta constitui legítima propriedade sua, que ele tem o direito de defender, porque a propriedade que resulta do trabalho é um direito natural, tão sagrado quanto o de trabalhar e de viver.

883. É natural o desejo de possuir?

“Sim, mas quando o homem deseja possuir para si somente e para sua satisfação pessoal, o que há é egoísmo.”

a) — Não será, entretanto, legítimo o desejo de possuir, uma vez que aquele que tem de que viver a ninguém é pesado?

“Há homens insaciáveis, que acumulam bens sem utilidade para ninguém, ou apenas para saciar suas paixões.

Julgas que Deus vê isso com bons olhos? Aquele que, ao contrário, junta pelo trabalho, tendo em vista socorrer os seus semelhantes, pratica a lei de amor e caridade, e Deus abençoa o seu trabalho.”

884. Qual o caráter da legítima propriedade?

“Propriedade legítima só é a que foi adquirida sem prejuízo de outrem.” (808)

Proibindo-nos que façamos aos outros o que não desejáramos que nos fizessem, a lei de amor e de justiça nos proíbe, ipso facto, a aquisição de bens por quaisquer meios que lhe sejam contrários.

885. Será ilimitado o direito de propriedade?

“É fora de dúvida que tudo o que legitimamente se adquire constitui uma propriedade. Mas, como havemos dito, a legislação dos homens, porque imperfeita, consagra muitos direitos convencionais, que a lei de justiça reprova. Essa a razão por que eles reformam suas leis, à medida que o progresso se efetua e que melhor compreendem a justiça.

O que num século parece perfeito, afigura-se bárbaro no século seguinte.” (795)

Ética, uma palavra fora de moda!

O Dicionário da Língua Portuguesa define a palavra Ética, como: s.f., parte da filosofia que estuda os deveres do homem para com Deus e a sociedade; deontologia; ciência da moral. (1) Significado este que, nos dias da atualidade, tornou-se artigo de luxo, muito raro de ser observado.

É perfeitamente natural que o homem alimente o desejo de crescer, de progredir, de alcançar vitórias em sua vida. Quem não nutre esses sonhos no fundo do seu **SER**? O problema é a forma como esses desejos ou aspirações são alcançados, pois não podemos jamais esquecer de que em tudo precisamos ser, acima de qualquer coisa, **dignos, honestos e honrados**; afinal, não somos cristãos seguidores da mensagem do Mestre de Nazaré através dos ensinamentos contidos na sublime mensagem deixada por ele nos evangelhos?

O Espiritismo nos ensina que só nos pertence verdadeiramente aquilo que conquistamos com esforço e trabalho honesto, sem prejuízo de outrem, da forma mais **justa possível** e, em conformidade com as Leis Divinas, pois, vivendo o homem em sociedade, terá ele direitos e obrigações a cumprir, como se pode ver nas instruções dos Imortais da Vida Maior em resposta à indagação do insigne Codificador nas questões que seguem constantes de O Livro dos Espíritos.

877. Da necessidade que o homem tem de viver em sociedade, nascem-lhe obrigações especiais?

“Certo, e a primeira de todas é a de respeitar os direitos de seus semelhantes.

Aquele que respeitar esses direitos procederá sempre com justiça.

Em o vosso mundo, porque a maioria dos homens não pratica a lei de justiça, cada um usa de represálias. Essa a causa da perturbação e da confusão em que vivem as sociedades humanas. A vida social outorga, direitos e impõe deveres recíprocos.”

878. Podendo o homem enganar-se quanto à extensão do seu direito, que é o que lhe fará conhecer o limite desse direito?

“O limite do direito que, com relação a si mesmo, reconhecer ao seu semelhante, em idênticas circunstâncias e reciprocamente.” (2)

Se analisarmos com atenção as respostas acima, chegaremos facilmente à conclusão de que o homem não pode em hipótese alguma deixar de respeitar os direitos de seu semelhante, pois, se assim não proceder, estará, cometendo uma grande falta perante a paternidade Divina que nos criou em igualdade de situação, sem privilégio algum em relação ao nosso irmão que conosco caminha em direção à felicidade e à perfeição tão desejadas.

Precisamos aprender a ser éticos em nossas atitudes para com tudo, isto é, respeitar a Deus e aos homens, saber impor limites às nossas ações para alcançar os nossos objetivos, saber manter sob controle nossas ambições e empregar todos os esforços para não nos utilizarmos de quaisquer artifícios ilegais na luta para conseguir a realização desses objetivos. Entre tantas outras atitudes condenáveis podemos alertar para algumas como: não roubar, mentir ou pisar nos outros para atingir nossos secretos e ambiciosos desejos.

Desde cedo temos a obrigação moral de dar aos nossos filhos exemplos de atitudes dignas pautados na ética e na decência, pois hoje em dia a maioria dos pais se preocupa em demasia em tornar seus filhos ambiciosos para a conquista dos bens materiais, mas, ao mesmo tempo, não se

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo XI)

incomodam quando os filhos não são éticos no alcance de suas propostas, se for preciso colar na prova para passar de ano, isso pouco importa, desde que passe, é tudo o que eles objetivam como sendo a meta maior a ser conquistada.

Reduzido é o número de pais que se preocupam em saber o comportamento do seu filho na escola, se ele não atrapalha o bom andamento das aulas, se é cumpridor dos afazeres a ele atribuídos etc., e, ainda, muitos se aborrecem se forem chamados para uma reunião na escola, e se lhe for feita qualquer tipo de queixa sobre o comportamento do seu “**santo**” filho.

O problema maior é que, normalmente, os responsáveis por ensinar os princípios da moral e da ética aos seus rebentos desconhecem esses princípios, pois só alcançam seus objetivos ambiciosos a preço de pesados prejuízos que impõem aos outros, sem se incomodarem com quaisquer fundamentos de ética ou dignidade que sabem cobrar quando se vêem prejudicados no mínimo detalhe.

Até mesmo em nosso movimento espírita encontramos grande quantidade de companheiros que desconhecem o valor da dignidade em suas atitudes para com os seus irmãos de ideal espírita, e, sem o menor constrangimento, praticam atos que há muito já deveriam ter erradicado de suas ações, como espíritas que dizem ser com muitos anos de movimento espírita.

Devemos nos alicerçar nos ensinamentos da Doutrina Espírita que nos aclara o entendimento, para que saibamos melhor discernir na hora de tomar qualquer atitude, principalmente se for causar qualquer dano ou prejuízo ao nosso semelhante, para que nossa aquisição possa ser considerada como legítima, da forma que os Espíritos Superiores nos ensinaram nas questões que seguem:

884. Qual o caráter da legítima propriedade?

“Propriedade legítima só é a que foi adquirida sem prejuízo de outrem.” (808) Proibindo-nos que façamos aos outros o que não desejáramos que nos fizessem, a lei de amor e de justiça nos proíbe, ipso facto, a aquisição de bens por quaisquer meios que lhe sejam contrários.

885. Será ilimitado o direito de propriedade?

“É fora de dúvida que tudo o que legitimamente se adquire constitui uma propriedade. Mas, como havemos dito, a legislação dos homens, porque imperfeita, consagra muitos direitos convencionais que a lei de justiça reprova. Essa a razão por que eles reformam suas leis, à medida que o progresso se efetua e que melhor compreendem a justiça. O que num século parece perfeito, afigura-se bárbaro no século seguinte.” (795) (3)

Que o Mestre de Nazaré possa nos inspirar a agir em tudo com ética, vivenciando em nossas ações diárias os exemplos que **ELE** nos, veio ensinar, há mais de 2000 anos, atrás.

Fontes:

- (1) **Bueno** Francisco da Silveira, Dicionário da Língua Portuguesa.
- (2) **Kardec** Allan, O Livro dos Espíritos.
- (3) **Kardec** Allan, O Livro dos Espíritos.

III – Caridade e amor ao próximo

886. Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus?

“Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas.” O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer-lhe todo o bem que nos seja possível e que desejáramos nos fosse feito. Tal o sentido destas palavras de Jesus: Amai-vos uns aos outros como irmãos.

A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola, abrange todas as relações em que nos achamos com os nossos semelhantes, sejam eles nossos inferiores, nossos iguais, ou nossos superiores. Ela nos prescreve a indulgência, porque de indulgência precisamos nós mesmos, e nos proíbe que humilhemos os desafortunados, contrariamente ao que se costuma fazer. Apresente-se uma pessoa rica e todas as atenções e deferências lhe são dispensadas. Se for pobre, toda gente como que entende que não precisa preocupar-se com ela. No entanto, quanto mais lastimosa seja a sua posição, tanto maior cuidado devemos pôr em lhe não aumentarmos o infortúnio pela humilhação. O homem verdadeiramente bom procura elevar, aos seus próprios olhos, aquele que lhe é inferior, diminuindo a distância que os separa.

887. Jesus também disse: Amai mesmo os vossos inimigos.

Ora, o amor aos inimigos não será contrário às nossas tendências naturais e a inimizade não provirá de uma falta de simpatia entre os Espíritos?

“Certo ninguém pode votar aos seus inimigos um amor terno e apaixonado. Não foi isso o que Jesus entendeu de dizer. Amar os inimigos é perdoar-lhes e lhes retribuir o mal com o bem. O que assim procede se torna superior aos seus inimigos, ao passo que abaixo deles se coloca, se procura tomar vingança.”

888. Que se deve pensar da esmola?

“Condenando-se a pedir esmola, o homem se degrada física e moralmente: embrutece-se. Uma sociedade que se baseie na lei de Deus e na justiça deve prover à vida do fraco, sem que haja para ele humilhação. Deve assegurar a existência dos que não podem trabalhar, sem lhes deixar a vida à mercê do acaso e da boa vontade de alguns.”

A) — Dar-se-á reproveis a esmola?

“Não; o que merece reprovação não é a esmola, mas a maneira por que habitualmente é dada. O homem de bem, que compreende a caridade de acordo com Jesus, vai ao encontro do desgraçado, sem esperar que este lhe estenda a mão.

“A verdadeira caridade é sempre bondosa e benévola; está tanto no ato, como na maneira por que é praticado.

Duplo valor tem um serviço prestado com delicadeza. Se o for com altivez, pode ser que a necessidade obrigue quem o recebe a aceitá-lo, mas o seu coração pouco se comoverá.

“Lembra-vos também de que, aos olhos de Deus, a ostentação tira o mérito ao benefício. Disse Jesus: ‘Ignore a vossa mão esquerda o que a direita der.’ Por essa forma, ele vos ensinou a não tisanardes a caridade com o orgulho.

“Deve-se distinguir a esmola, propriamente dita, da beneficência. Nem sempre o mais necessitado é o que pede.

O temor de uma humilhação detém o verdadeiro pobre, que muita vez sofre sem se queixar. A esse é que o homem verdadeiramente humano sabe ir procurar, sem ostentação.

“Amai-vos uns aos outros, eis toda a lei, lei divina, mediante a qual governa Deus os mundos. O amor é a lei de atração para os seres vivos e organizados. A atração é a lei de amor para a matéria inorgânica.

“Não esqueçais nunca que o Espírito, quaisquer que sejam o grau de seu adiantamento, sua situação como reencarnado, ou na erraticidade, está sempre colocado entre um superior, que o guia e aperfeiçoa, e um inferior, para com o qual tem que cumprir esses mesmos deveres. Sede,

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo XI)

pois, caridosos, praticando, não só a caridade que vos faz dar friamente o óbolo que tirais do bolso ao que vo-lo ousa pedir, mas a que vos leve ao encontro das misérias ocultas.

Sede, indulgentes com os defeitos dos vossos semelhantes.

Em vez de votardes desprezo à ignorância e ao vício, instruí os ignorantes e moralizai os viciados.

Sede brandos e benevolentes para com tudo o que vos seja inferior. Sede-o para com os seres mais ínfimos da criação e tereis obedecido à lei de Deus.”

SÃO VICENTE DE PAULO

889. Não há homens que se vêem condenados a mendigar por culpa sua?

“Sem dúvida; mas, se uma boa educação moral lhes houvera ensinado a praticar a lei de Deus, não teriam caído nos excessos causadores da sua perdição. Disso, sobretudo, é que depende a melhoria do vosso planeta.” (707)

Crônica e Artigos

236– 20/11/2011

O Consolador – (Francisco Altamir da Cunha)

III. Caridade e Amor ao Próximo

Caridade – expressão do amor ao próximo

1 – Como interpretar à luz da Doutrina Espírita a afirmativa: “Fora da Igreja não há salvação”? Encontramos uma grande diferença quando submetemos a uma análise mais aprofundada as duas afirmativas: ‘Fora da Igreja não há salvação’, e ‘Fora da caridade não há salvação’.

Quando dizemos ‘Fora da Igreja não há salvação’, particularizamos; pois, dessa forma são excluídas as pessoas que não frequentam a Igreja, ou que não estão vinculadas a uma religião. No entanto, quando afirmamos “Fora da caridade não há salvação”, desvinculamos a salvação de uma obrigatoriedade religiosa, tornando-a consequência da solidariedade, da prática do amor, que são a essência da doutrina de Jesus.

2 – Há um ponto de doutrina em algumas religiões, através do qual somente a fé salva; a caridade é dispensável. Comente a respeito.

Não há como aceitarmos essa afirmativa quando analisamos o que se encontra registrado em Mt. 25, 34-36: “Vinde benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; porque tive fome e deste-me de comer; tive sede e deste-me de beber”, e também em:

Tiago 2, 14-17: “Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras? Porventura a fé pode salvá-lo? A fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma”.

A fé, sem sombra de dúvida, é importante; mas é justamente pela fé, que depositamos em Jesus, que devemos seguir seus preceitos, cuja base é o amor. E o amor em ação chama-se caridade.

A expressão da fé através da adoração e da exaltação do nome de Jesus é louvável, mas não suficiente, pois ele mesmo afirmou: “Nem todos os que me dizem ‘Senhor! Senhor!’ entrarão no reino dos céus; apenas entrará aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus”. (Mt. 7; 21)

3 – Quem é nosso próximo, ao qual devemos amar, conforme os ensinamentos de Jesus? Toda criatura no mundo é o nosso próximo, ao qual devemos amar como extensão do amor a Deus.

A proximidade à qual Jesus faz referência não é exclusivamente espacial.

Nós nos tornamos próximos pelo laço espiritual que nos une, através do qual, formamos a grande família universal.

Somos todos irmãos independentes de crença, nacionalidade ou condição sócio econômica, porque somos filhos de Deus. No entanto, no que diz respeito à prática da caridade, o próximo será sempre aquele que, de forma direta ou indireta, apresente-se em nossa vida como necessitado material ou espiritual.

IV – Amor maternal e filial

890. Será uma virtude o amor materno, ou um sentimento instintivo, comum aos homens e aos animais?

“Uma e outra coisa. A Natureza deu à mãe o amor a seus filhos no interesse da conservação deles. No animal, porém, esse amor se limita às necessidades materiais; cessa quando desnecessários se tornam os cuidados. No homem, persiste pela vida inteira e comporta um devotamento e uma abnegação que são virtudes. Sobrevive mesmo à morte e acompanha o filho até no além-túmulo. Bem vedes que há nele coisa diversa do que há no amor do animal.” (205-385)

891. Estando em a Natureza o amor materno, como é que há mães que odeiam os filhos e, não raro, desde a infância destes?

“Às vezes, é uma prova que o Espírito do filho escolheu, ou uma expiação, se aconteceu ter sido mau pai, ou mãe perversa, ou mau filho, noutra existência (392). Em todos os casos, a mãe má não pode deixar de ser animada por um mau Espírito que procura criar embaraços ao filho, a fim de que sucumba na prova que buscou. Mas, essa violação das leis da Natureza não ficará impune e o Espírito do filho será recompensado pelos obstáculos de que haja triunfado.”

892. Quando os filhos causam desgostos aos pais, não têm estes, desculpa para o fato de lhes não dispensarem a ternura de que os fariam objeto, em caso contrário?

“Não, porque isso representa um encargo que lhes é confiado e a missão deles consiste em se esforçarem por encaminhar os filhos para o bem (582-583). Demais, esses desgostos são, amiúde, a conseqüência do mau feitio que os pais deixaram que seus filhos tomassem desde o berço.

Colhem o que semearam.”

Amor materno e Amor filial

A missão materna nem sempre é um mar de rosas

1. O coração materno é, na expressão de um Espírito amigo, “uma taça de amor em que a vida se manifesta no mundo”, mas grave é o ofício da verdadeira maternidade. “Levantam-se monumentos de progresso entre os homens e devemos-los, em grande parte, às mães abnegadas e justas, mas erguem-se penitenciárias sombrias e devemos-las, na mesma proporção, às mães indiferentes e criminosas”, assevera Sebastiana Pires, em “Luz no Lar”, cap. 3, pág. 15.

2. Ensina o Espiritismo que a Natureza deu à mãe o amor a seus filhos no interesse da conservação deles. Entre os animais, esse amor se limita às necessidades materiais e cessa quando desnecessários se tornam os cuidados. No homem, ele persiste pela vida inteira e comporta um devotamento e uma abnegação que são virtudes, sobrevivendo mesmo à morte e acompanhando o filho até no além-túmulo.

3. Não se deduza do fato de estar o amor maternal nas leis da natureza que a missão materna seja sempre um mar de rosas, porque não o é. Trata-se, em verdade, de tarefa espinhosa em que a renúncia e as lágrimas fazem morada.

4. Não é difícil entender por que isso se dá. É que habitualmente renascem juntas, sob os laços da consanguinidade, pessoas que ainda não acertaram as rodas do entendimento no carro da evolução, a fim de trabalharem sobre as arestas que lhes impedem a harmonia. Jungidos à máquina das convenções respeitáveis, no instituto familiar, caminham lado a lado, sob o aguilhão da responsabilidade e da convivência compulsória, para sanarem velhas feridas.

5. Existem pais que não toleram os filhos e mães que se voltam contra os próprios descendentes, tanto quanto há filhos que se revelam inimigos de seus genitores e irmãos que se exterminam dentro do magnetismo degenerado da antipatia congênita.

Desde cedo deve a mãe preparar seus filhos para a vida

6. A missão materna reveste-se, portanto, de encargos sublimes, sobretudo nos lares onde Espíritos antagônicos, quando não inimigos, se encontram temporariamente unidos pelos laços do parentesco. A maternidade exige e desenvolve a sensibilidade, a ternura, a paciência, aumentando a capacidade de amar na mulher.

7. No ambiente doméstico, o coração maternal deve ser o expoente divino de toda a compreensão espiritual e de todos os sacrifícios pela paz da família. A missão materna consiste em dar sempre ao filho o amor que flui de Deus, porque antes de tudo sabemos que nossos filhos são, primeiramente, filhos de Deus.

8. Desde a infância, compete à mãe prepará-los para o trabalho e para a luta que os espera. Desde os primeiros anos, deve ensinar a criança a fugir do abismo da liberdade, controlando-lhe as atitudes e consertando-lhe as posições mentais, porque essa é a ocasião mais propícia à edificação das bases de uma vida.

9. Ensinará a tolerância mais pura, mas não desdenhará a energia quando necessária. Sacrificar-se-á de todos os modos ao seu alcance pela paz dos filhos, ensinando-lhes que toda dor é respeitável, que todo trabalho edificante é divino e que todo desperdício é falta grave.

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo XI)

10. Ensinar-lhes-á o respeito pelo infortúnio alheio. Será ela no lar o bom conselho sem parcialidade, o estímulo ao trabalho e a fonte de harmonia para todos. Buscará, enfim, na piedosa mãe de Jesus o símbolo das virtudes cristãs.

A família é o núcleo de maior importância na sociedade

11. Com relação ao amor filial, é imperioso lembrar que o mandamento “Honrai vosso pai e vossa mãe” é um corolário da lei geral de caridade e de amor ao próximo, conquanto o termo “honrai” encerre um dever a mais – o da piedade filial. Honrar pai e mãe não consiste apenas em respeitá-los, mas também assisti-los na necessidade, proporcionar-lhes repouso na velhice, cercá-los de cuidados tal como fizeram eles com os filhos durante a infância.

12. Duas causas determinam basicamente a ingratidão dos filhos para com os pais: umas se devem às imperfeições dos filhos; outras resultam de falhas cometidas pelos próprios pais. Com efeito, muitos pais, despreparados para o ministério familiar, cometem erros graves que podem influir consideravelmente no comportamento da prole, que então, conforme o seu caráter, se rebela contra aqueles, crucificando-os nas traves ásperas da ingratidão.

13. Muitos genitores imaturos, que transitam no corpo açulados pelo tormento dos prazeres incessantes, respondem pelo desequilíbrio e desajuste da prole, na desenfreada competição da moderna sociedade.

14. Há, no entanto, filhos que receberam dos pais as mais prolíferas demonstrações de sacrifício e carinho, aspirando a um clima de paz, de saúde moral, de equilíbrio doméstico, nutridos pelo amor sem fraude e pela abnegação sem fingimentos, e mesmo assim revelam-se frios, exigentes e ingratos.

15. Apesar disso, o lar – santuário dos pais, escola dos filhos, oficina de experiências – é a mola mestra que aciona a Humanidade, e a família, indiscutivelmente, o núcleo de maior importância no organismo social.

Kardec e os maus tratos aos idosos

Acompanho durante 20 anos delicada história, as razões certamente se perdem nas noites dos séculos, porquanto nos dias de hoje os Espíritos protagonistas são chamados aos reajustes perante a própria consciência.

Para quem vê apenas a superfície, trata-se de dolorosa situação, contudo, para quem vê “além do horizonte”, é motivo de júbilo, porque pode representar a real libertação do Espírito, que vence dificuldades e ressurgiu triunfante rumo à gloriosa jornada de evolução, destino de todos nós.

Minha tia há 20 anos teve trombose cerebral, e desde então não fala, não anda, não se mexe, necessidades fisiológicas apenas com a ajuda de muitos remédios.

Um de meus primos assumiu desde a adolescência a tutela da mãe, cuida com extremo carinho de sua progenitora. Troca fraldas, prepara papinhas, dá banho.

Coloca-se de fato como o pai de sua própria mãe. É um carinho, um afeto que emociona quem acompanha essa história.

Enquanto há pessoas conscientes no mundo, que se preocupam com os pais, demonstrando gratidão e trabalhando por eles quando estes estão impossibilitados de fazê-lo, há também pessoas que carregam consigo o lema da ingratidão, e, lamentavelmente, o da maldade, agredindo, ameaçando e violentando aqueles que fizeram a história de nossa sociedade e nosso país.

Por isso, vamos adentrar delicado assunto: Maus-tratos aos idosos.

Em “O Livro dos Espíritos”, Kardec e os Espíritos amigos trataram de temas semelhantes, envolvendo a responsabilidade que os filhos têm para com seus pais; foram além e demonstraram que a sociedade também deve proteger e proporcionar uma vida digna àqueles que durante longos anos foram o alicerce da família e da economia.

No capítulo “Lei do Trabalho” da obra acima, citada, Kardec questiona os mentores espirituais:

P – 681: A lei natural impõe aos filhos a obrigação de trabalhar por seus pais?

R – Certamente, do mesmo modo que os pais devem trabalhar por seus filhos; é por isso que Deus fez do amor filial e do amor paternal um sentimento natural para que, por essa afeição recíproca, os membros de uma mesma família fossem levados a se ajudarem mutuamente, o que é frequentemente esquecido em vossa sociedade atual.

Agora vejamos a questão de nº 685 (a). Prossegue Kardec:

P – 685 (a): Mas que recurso tem o idoso necessitado de trabalhar para viver, se já não pode?

R – O forte deve trabalhar pelo fraco e, na falta da família, a sociedade deve tomar o seu lugar: é a lei da caridade.

Resposta esclarecedora! Por isso, vamos informar alguns dados para que o leitor amigo tome nota da gravidade da situação que passam alguns de nossos idosos.

Segundo recente pesquisa realizada por especialistas da Universidade Católica de Brasília, em um universo de 18 milhões de idosos em nosso país, considere-se então pessoas com idade acima de 60 anos, um total de 2 milhões, são vítimas de maus-tratos. Violência psicológica, ameaças, violência física, negligência e, pasmem, até violência sexual estão entre os absurdos que vêm fazendo sofrer nossos idosos.

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo XI)

O mais triste é que alguns casos de violência são anotados dentro do próprio lar, ou seja, um local onde o idoso deveria se sentir protegido, amparado, amado, torna-se palco de atrocidades. E nota-se ainda traços de machismo, porquanto 60% das vítimas são mulheres.

Lamentavelmente crescemos com a idéia de que com o passar dos anos vamos perdendo nossa utilidade. É a cultura de privilegiar o corpo, a superfície, apenas a estética. Rugas são sinônimos de horror. Cabelos brancos são sinais de tristeza. Todas essas idéias desembocam no preconceito, na discriminação, na violência.

O próprio mercado de trabalho, por exemplo, confirma essa tese ao condenar pessoas com idade acima dos 35 anos ao desemprego, considerando que já estão “velhas” para determinada função. Um autêntico absurdo!

Vemos também essa idéia impregnada na forma de pensar das pessoas, quando em tom de brincadeira dizem: “Ah, vou trocar minha esposa de 40 por duas de 20!”

De modo que as gerações se sucedem e começam a ver nos idosos não fonte de experiência, mas, sim, um peso, um incômodo. Tanto é verdade que muitos se recusam a falar sobre sua idade biológica, trazendo consigo uma visão distorcida da realidade, acreditando que o avançar da idade é sinônimo de enfermidades, dificuldades, limitações.

Ora, qual o problema do avançar da idade? Por que esconder os anos que nos trouxeram experiência, maturidade?

Em realidade, com o progresso da ciência, hoje a Qualidade de vida aumentou muito, nos mostrando que os problemas de saúde estão muito mais relacionados com a falta de cuidado com o corpo do que com o avançar das primaveras.

E como dizem os sábios da espiritualidade, vencer o preconceito é uma questão de educação, não a educação vinda dos livros, que também é importante, mas não suficiente, mas a educação moral, que ensina o indivíduo moralizar suas atitudes e acionar os condutos do coração, respeitando as fases da vida, encarando-as como um incessante processo da natureza que, no seu infundável vai e vem, vai nos lapidando e nos ensinando a despir de preconceitos, onde compreendemos que o chegar da idade faz parte da caminhada evolutiva de todos nós, desmistificando a cultura de que pessoas que ultrapassam os 60, 70, 80 anos são um incômodo, um peso que a sociedade deve carregar.

O melhor é exercitarmos a gratidão; gratidão pelos pais que tanto fizeram por nós, gratidão pelos professores, amigos e tantos outros que cruzaram nossa existência, banhando-nos com a riqueza de suas experiências.

Quando aprendermos o sentido da gratidão, não haverá agressões, preconceitos e negligências contra os idosos que, a muito custo, construíram a história de nossa pátria. Uma questão a se pensar!

Crônica e Artigos

86 – 14/12/2008

O Consolador – (Renato Costa)

IV – Amor Material e Filial

Gratidão, por quê?

Agostinho de Hypona discorre, no Item 9 do Capítulo XIV, de O Evangelho segundo o Espiritismo, sobre um tema ao qual Kardec intitulou de “A Ingratidão dos Filhos e os Laços de Família”. Naquele trecho, um dos muitos classificados pelo Codificador como “Instruções dos Espíritos”, Agostinho inicia afirmando ser a ingratidão um dos frutos diretos do egoísmo. De fato, quem não é grato por um favor que recebe é porque se julga merecedor de tal favor, entendendo que aquele que o prestou nada mais fez que sua obrigação. Ora, o que é alguém que se julga merecedor do favor de todos sem a ninguém achar necessário agradecer, senão alguém totalmente, centrado em si mesmo, isto é, um egoísta?

A seguir, Agostinho apresenta as três situações básicas em que a sociedade humana entende estar, ocorrendo a ingratidão de filhos para com seus pais, a saber:

- quando os Espíritos guardam ódio entre si por força de ocorrências passadas e a sua aproximação, encarnando como membros de uma mesma família, não logra atenuar suficientemente tais ódios;
- quando os pais, por motivos vários, são tolerantes em demasia para com os vícios de seus filhos, faltando ao seu dever de transmitir a eles valores morais e permitindo que eles façam tudo o que desejam fazer, colhendo, quando idosos, os frutos que eles mesmos plantaram;
- quando uma família constituída de Espíritos afins e harmonizados recebe em seu meio um Espírito em desequilíbrio e, mesmo tudo fazendo para integrá-lo ao ambiente de paz e harmonia do restante do núcleo familiar, não consegue desviá-lo totalmente do vício.

Explicando-nos os motivos para cada situação e nos orientando sobre como proceder em cada caso, o ex-bispo de Hypona, uns dos grandes pensadores cristãos e grande colaborador da Codificação, encerra sua mensagem.

Gostaríamos, neste ponto, de fazer uma reflexão junto com o amável leitor. Sabemos que os preceitos morais de Jesus nos foram explicados pelos Espíritos que colaboraram na Codificação, sob a liderança de nosso amado Mestre, com a finalidade de nos consolar quanto às angústias que atormentavam nosso coração e nos esclarecer quanto às dúvidas que intrigavam nossas mentes, apontando-nos, dessa forma, um rumo seguro a tomar. Ora, como não poderia deixar de ser, os esclarecimentos voltados a consolar nossas angústias tiveram que ser direcionados àquelas que atormentavam a sociedade humana no século XIX, muitas das quais ainda o fazem neste século XXI. Tais angústias eram, como ainda são, fruto de nossa percepção das coisas e, como tal, passíveis de atenuação, à medida que tal percepção se torna mais clara e tem melhor correspondência com a realidade.

É nessa linha de raciocínio que nos propomos a refletir sobre a percepção da sociedade humana quanto ao que seja gratidão ou ingratidão de filhos.

Ingratidão é falta de gratidão. O sentimento de gratidão está associado à percepção, por aquele que é grato, de ter recebido um favor daquele a quem ele é agradecido. Ao falarmos de gratidão dos filhos, portanto, é mister que saibamos qual o favor que fazemos a nossos filhos para que venhamos a esperar deles gratidão. Vejamos algumas hipóteses.

Talvez nossos filhos nos devam ser gratos porque os trouxemos à vida. No entanto, trazer filhos à vida, todos os animais trazem. O prazer que todos os animais e o ser humano sentem no ato de acasalamento existe como estímulo à reprodução, com finalidade, segundo a ciência, da perpetuação da espécie. Trazer filhos à vida é, portanto, uma simples lei da natureza. Talvez nos devam ser gratos porque os agasalhamos, abrigamos e educamos. Mas agasalhar, abrigar e

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo XI)

educar filhos, os animais superiores também fazem com os seus. Mais uma vez, o ser humano nada faz de especial.

Que fazemos por nossos filhos, então, que mereça a sua gratidão? Antecedendo um pouco essa questão, perguntemos a nós mesmos o que fazem os outros por nós que nos faça sentir agradecidos. Quando um pintor faz um serviço perfeito em nossa casa, sem uma falha, somos gratos a ele por isso? Quando deitamos na cama, tranquilos, à noite, sabendo que há um vigia noturno na portaria cuidando para que estranhos não entrem em nosso prédio e abrindo a porta para os moradores que chegam tarde, somos gratos a ele por isso? Quando saímos na rua e pisamos em uma calçada limpa, somos gratos ao lixeiro que a varreu? Ocorre que esses, poderia nos dizer o leitor amigo, são casos em que pagamos pelos serviços, logo não há porque sermos gratos por eles serem bem executados. Tudo bem, vejamos, então, casos onde não ocorre pagamento.

Quando vamos ao Centro Espírita e somos beneficiados pela espiritualidade e pelos trabalhadores anônimos que ali trabalham, somos gratos a eles pelas bênçãos recebidas? Ao longo do dia, sempre que nos sentimos bem e inspirados em nossos pensamentos ou ações ou quando nos sentimos confortados em nossas crises emocionais, lembramos de agradecer a nossos guias espirituais, pela paciência com que eles, há séculos ou milênios, nos guiam e orientam, sempre acreditando em nós, mesmo quando nós mesmos não o fazemos mais? Quando contemplamos a natureza e vemos a beleza de suas formas e a sabedoria expressa em cada um de seus seres, somos gratos a Jesus por nos ter oferecido como lar uma joia tão preciosa? Quando acordamos pela manhã, somos gratos a Deus, pelas suas soberanas, sábias e amorosas leis que nos oferecem mais uma oportunidade de corrigir nossos erros, vencer provas e progredir sem cessar até a perfeição?

Se nunca somos gratos pelos benefícios que recebemos diariamente de Deus, de Jesus, de nossos guias espirituais e dos homens, por que razão haveríamos de esperar a gratidão dos filhos pelo simples fato de termos cumprido nosso dever para com eles?

Desconcertados por não encontrarmos nenhum motivo para que nossos filhos nos sejam gratos, lembramos, finalmente, do amor. Sim, nosso filho nos deve ser grato porque o amamos, dizemos, aliviados por termos encontrado um motivo. Mas como foi que o amamos? Era nosso amor um amor “eros”, o amor egoísta, todo o tempo levando nosso filho a fazer coisas que fizessem bem ao nosso ego e não ao seu progresso espiritual? Era “filis” o nosso amor, um amor possessivo, sufocando nosso filho na infância e adolescência com nossa permanente presença, nada deixando que ele decidisse por si só e, quando adulto, cobrando dele constantes visitas e telefonemas como se a única razão de seu viver fosse estar sempre junto de nós? Ou nosso amor era “ágape”, o amor altruísta e desprendido, tudo fazendo para ajudá-lo em sua caminhada, incentivando-o, orientando-o com paciência e dedicação no caminho do bem, mas nada esperando em troca?

Enfim, chegamos aonde queríamos chegar. A única coisa que podemos dar a nossos filhos que, em tese, mereceria gratidão, é justo aquela que nada espera em troca, o amor incondicional. Amemos nossos filhos com desprendimento, nada esperando deles por isso. Nossos filhos são Espíritos, filhos de Deus que estão sob nossos cuidados porque nossos guias espirituais julgaram que poderíamos ajudá-los em sua evolução. Façamos o que se espera de nós dando o melhor que temos nessa missão. Nossa recompensa pelo amor que dedicarmos a eles será a satisfação de vê-los trilhando o caminho do bem, sinalizando para nós que nossa missão para com eles terá sido cumprida. Quem ama de verdade já está recompensado e não espera gratidão da pessoa amada.